

SIMPÓSIO AT071

PRÁTICAS DE ESCRITA ACADÊMICA: PESSOALIDADE E IMPESSOALIDADE EM QUESTÃO

SOUZA, Kariny Cristina
UNIFEMM (Centro Universitário de Sete Lagoas)
kariny.raposo@unifemm.edu.br

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de
Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG – *Campus* Ouro Branco)
adilson.ribeiro@ifmg.edu.br

Resumo: Neste trabalho, objetivamos apresentar uma pesquisa sobre o posicionamento autoral revelado por marcas linguísticas de personalidade e de impessoalidade que circundam o posicionamento autoral nas diversas áreas do conhecimento. O aporte teórico utilizado insere-se em abordagens do letramento como práticas sociais de uso da escrita e, mais estritamente, o letramento acadêmico como as práticas específicas da esfera universitária. A metodologia empregada tem caráter quantitativo. Nesse quadro, buscou-se elencar práticas e representações que circundam a produção acadêmica em diversas áreas do conhecimento, procurando investigar a preferência de professores e pesquisadores pela impessoalidade e/ou pela personalidade na produção de artigos acadêmicos. Os resultados demonstram que as preferências pelo emprego de marcas linguísticas de impessoalidade e de personalidade estão intimamente relacionadas às práticas de escrita que caracterizam e delimitam as diversas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Escrita Acadêmica; Personalidade; Impessoalidade; Representações

Abstract:

In this work, we aim to present a research about the authorial positioning revealed by linguistic personal and impersonal marks that surround the author positioning in the different areas of knowledge. The theoretical contribution used comes from the literacy approaches as social practices of the use of writing and, more strictly, academic literacy as the specific practices of the university sphere. The methodology used is quantitative. In this context, we sought to list practices and representations that surround academic production in several areas of knowledge, seeking to investigate the preference of teachers and researchers for impersonal and/or personal marks in the production of academic articles. The results show that the preferences for the use of impersonal and personal linguistic marks are closely related to the writing practices that characterize and delimit the different areas of knowledge.

Keywords: Academic Writing; Personal marks; Impersonal marks; Representations.

Introdução¹

Intentamos com este trabalho apresentar um estudo sobre práticas e representações que engendram a produção escrita acadêmica nas diversas áreas do conhecimento, tendo como recorte o mapeamento do emprego de marcas linguísticas declarado por profissionais acadêmicos (professores, pesquisadores, orientadores) que evidenciam o posicionamento autoral quanto ao que se convencionou denominar comumente pessoalidade (emprego da primeira pessoa do singular e do plural: *eu* e *nós*, respectivamente) e impessoalidade (emprego do pronome de terceira pessoa (*se*) em construções passivas sintéticas e com sujeito indeterminado; emprego de construções passivas analíticas).²

1. Letramento acadêmico e práticas de escrita

De modo mais amplo e geral, sob uma visão advinda de campos como a Sociologia, a Antropologia e a Linguística, o conceito de letramento adotado neste artigo é o de práticas sociais de usos da escrita que, nesse sentido, deve ser considerado como fenômeno social, sempre influenciado por questões de ordem econômica, política, educacional, regional, cultural, em que pesa a organização de grupo, que determina os padrões de letramento, bem como por questões de ordem pessoal, em que pesa a história e experiência individuais. Em outros termos, trata-se de um entendimento que abarca tanto a dimensão social quanto a individual, em que a regulação da produção escrita em

¹ É preciso esclarecer que o que se apresenta neste trabalho é parte resumida de uma pesquisa que investiga práticas e representações de escrita acadêmica nas várias áreas do conhecimento (OLIVERIA *et al.*, 2018) e corresponde a um recorte de um projeto mais amplo denominado “Letramento acadêmico, práticas e representações da escrita: subsídios para o professor de Português”, conduzido no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do IFMG – *Campus* Ouro Branco, cujo objetivo geral centra-se na expectativa de construção de um quadro representativo das práticas de letramento acadêmico nas diversas áreas do conhecimento.

² Para os propósitos deste estudo, não nos ateremos às especificidades do emprego do pronome *nós* e às suas múltiplas variações discursivas. Remetemos o leitor, nesse caso, a Reutner (2016), em que a autora apresenta um estudo sobre as marcas de pessoa no artigo científico.

determinada esfera da atividade humana sofre interferências das potenciais articulações que são possibilitadas individualmente nas práticas.

A produção de textos acadêmicos, inserida nesse contexto, deve ser abordada, também em suas variáveis sociais, culturais e circunstanciais envolvidas na atividade de produção de sentido, isto é, circunscrita em práticas sociais situadas, nas quais, cabe lembrar, a universidade está inserida, sendo, portanto, parte integrante do processo de letramento.

Street (2003), ao cunhar a noção de múltiplos letramentos, faz a distinção entre modelos autônomos e ideológicos de letramento. De acordo com o autor, o modelo ideológico de letramento oferece uma visão culturalmente mais sensível das práticas de letramento, levando em conta que elas variam de um contexto a outro; ou seja, entendendo-se as práticas como situadas. Esse modelo leva em conta premissas diferentes da do modelo autônomo, em que o postulado é o de que o letramento é uma prática social e não simplesmente uma habilidade técnica neutra e de que ele está sempre embutido em princípios epistemológicos socialmente construídos. Nesse sentido, os caminhos pelos quais as pessoas orientam a leitura e a escrita são por si só enraizadas em concepções de conhecimento, identidade e ser. Esse é um dado importante, pois leva a reconhecer que esferas sociais diferentes apresentam práticas particulares de uso da escrita (o que possibilita falar em múltiplos letramentos) e, em consequência, a pensar em um letramento acadêmico (o que possibilita falar em especificidades dessa prática).

Pode-se entender, então, que, sendo as práticas situadas, sofrendo interveniência de representações sobre os modos de apropriação e de posicionamento dos indivíduos frente às suas necessidades de uso da escrita em sua vida acadêmica – na produção de trabalhos acadêmicos, artigos, relatos de pesquisa, por exemplo – certamente elas sofrem influência (direta ou indireta) dos “modelos” eleitos como “corretos” no ambiente em que se inserem.

Um aspecto de interesse nesse âmbito centra-se na questão do posicionamento autoral em artigos acadêmicos, ou seja, nos modos de dizer

típicos desse gênero relativamente – como propomos aqui – ao emprego da personalidade ou da impessoalidade reveladas pelas marcas linguísticas de primeira ou de terceira pessoa, respectivamente.³ Entende-se, portanto, como posicionamento autoral o modo como o autor se insere no texto, ao optar por empregar a primeira pessoa gramatical (*eu/nós*) ou a terceira (*ele* e variações, como o pronome *se*, em construções com sujeito indeterminado ou voz passiva sintética.). Enquanto no primeiro caso (construção pessoal), costuma-se dizer que o texto se torna subjetivo, tendo em vista uma posição agentiva do sujeito enunciador (o autor) diante do objeto estudado, no segundo caso (construção impessoal), é comum afirmar-se que se trata de uma estratégia de objetividade que permite ao autor distanciar-se do objeto e, em consequência, promover uma racionalidade que seria, por fim, a garantia da cientificidade necessária à pesquisa acadêmica e, por extensão, aos gêneros próprios dessa esfera, como o artigo científico, por exemplo.

2. Pessoaalidade *versus* impessoalidade: o espaço de investigação e as práticas nas várias áreas do conhecimento

Em geral, há uma orientação de que os textos acadêmicos devem ser impessoais, ou seja, redigidos em terceira pessoa. É comum encontrar essa orientação (que é praticamente uma exigência) em manuais de metodologia (Gil, 2010; Michel, 2015; entre outros) e na fala de professores do ensino superior. A justificativa para tal recomendação é a de que o uso da personalidade pode comprometer a neutralidade, a objetividade e a credibilidade do texto. Desse modo, é compreensível que, na maioria dos textos acadêmicos, predomine a impessoalidade, haja vista ser essa a orientação enraizada nas esferas de formação.

Para a coleta dos dados apresentados neste trabalho, foi elaborado um formulário eletrônico estruturado na plataforma do *Google Forms*, enviado por *e-mail* a profissionais acadêmicos (professores, pesquisadores, orientadores)

³ Embora conscientes da limitação que a noção de posicionamento autoral pode adquirir aqui, optamos por não aprofundar na questão e nos limitarmos a empregá-la em sentido comum e geral.

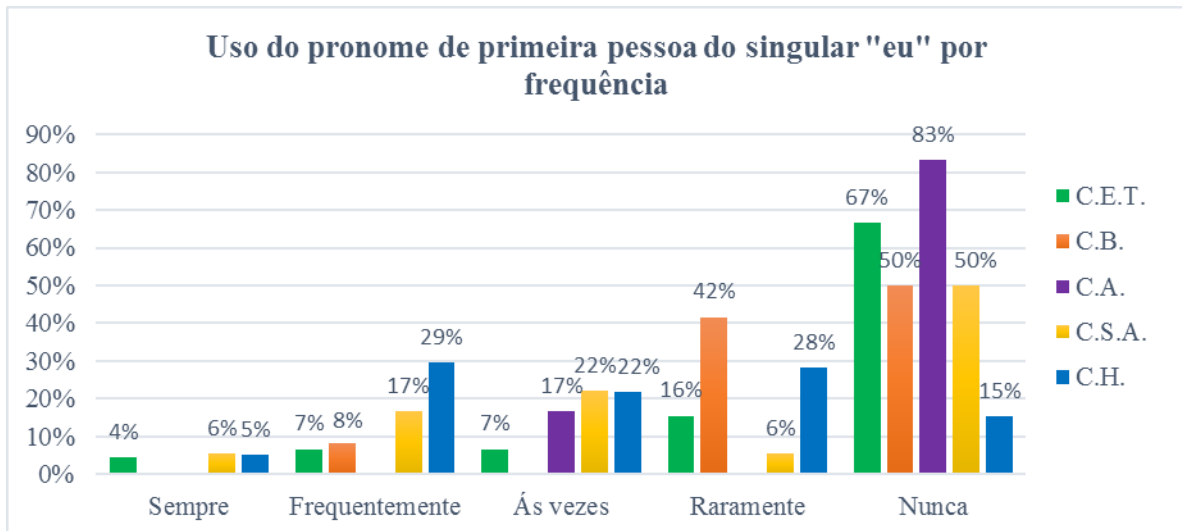
de diversas áreas do conhecimento, contendo 05 (cinco) questões de múltipla escolha com o objetivo de catalogar o emprego de pessoalidade ou de impessoalidade declarado por esses profissionais em suas práticas de escrita acadêmica. O processo de coleta de dados foi de aproximadamente três meses (novembro de 2017 a janeiro de 2018) e resultou em 177 questionários respondidos. Nesse questionário, havia cinco sentenças para completar o enunciado *Segundo minha experiência permite atestar, é conveniente escrever um texto acadêmico/científico da minha área de conhecimento...*, que deveriam ser escalonadas utilizando-se uma frequência com as seguintes opções: *sempre, frequentemente, às vezes, raramente e nunca*. O objetivo do questionário foi flagrar as preferências declaradas dos acadêmicos (professores, pesquisadores, orientadores) na utilização da pessoalidade e da impessoalidade quando da construção de um texto científico.

Os dados obtidos foram compilados e tabulados em gráficos, de modo a auxiliar as análises e facilitar a compreensão dos resultados alcançados. Foram elaborados dois gráficos para cada questão, um demonstrando a frequência de uso, por parte dos respondentes, de aspectos linguísticos que remetem à pessoalidade/impessoalidade (uso das primeiras pessoas do singular e do plural – *eu* e *nós*, respectivamente –, e construções com a partícula apassivadora/índice de indeterminação do sujeito (*se*) em artigos científicos; e o outro demonstrando o uso desses mesmos elementos gramaticais por áreas de conhecimento.⁴

Nos gráficos que mostram a relação de frequência da utilização dos aspectos linguísticos estudados, a legenda foi modificada de modo a otimizar a área do gráfico e proporcionar uma melhor experiência de leitura e análise; assim sendo, a legenda ficou da seguinte forma: C.E.T. (Ciências Exatas e da Terra), C.S.A. (Ciências Sociais Aplicadas), C.H. (Ciências Humanas), C.A. (Ciências Agrárias) e C.B. (Ciências Biológicas). Vejamos:

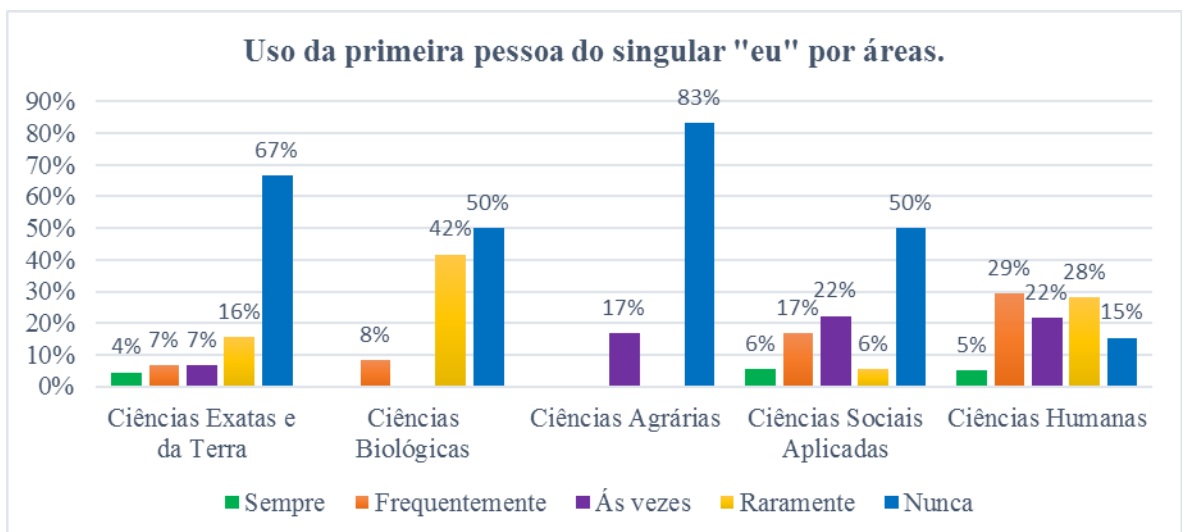
⁴ Apresentamos, aqui, apenas dois gráficos, referentes às ocorrências de 1ª pessoa, devido às dimensões permitidas para este texto.

Gráfico 1: Emprego do pronome de 1ª do singular por frequência



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 2 – Emprego do pronome de 1ª pessoa do singular por áreas



Fonte: Dados da pesquisa

O uso da primeira pessoa do singular (*eu*) é veementemente evitada no meio acadêmico. Isso decorre, muito provavelmente, da representação de que um texto científico deve ser impessoal, de modo a garantir a neutralidade e preservar a credibilidade das informações nele contidas, sendo essa prática recomendada tanto por professores e orientadores acadêmicos, como por

manuais de metodologia. Os gráficos 1 e 2 evidenciam essa realidade de forma clara. Todas as áreas, majoritariamente, refutam o uso da primeira pessoa do discurso na forma singular (*eu*). Isso decorre de uma prática já cristalizada na academia, o emprego da impessoalidade. Manuais de metodologia, usualmente, instruem que o pesquisador seja o mais objetivo possível, que de modo algum chame a atenção para si no texto; pelo contrário, a orientação é que se prime pela impessoalidade/neutralidade/imparcialidade do discurso.

Desse modo, como já fora constatado em Oliveira *et al.* (2018), há a representação de que a impessoalidade seria a maneira “correta” de se produzir um texto científico; assim sendo, os sujeitos, quando da necessidade de se inserirem nesse meio letrado acadêmico, buscam se adequar às “normas” que aí circulam. A representação de que o uso do “eu” torna o texto subjetivo leva os sujeitos autores a optarem pela não pessoalidade, a fim de garantir que o texto produzido tenha aceitação na esfera de atividade acadêmica à qual pertence.

Logo, não é nenhuma surpresa o fato de que a maioria dos respondentes alegou *nunca* utilizar essa forma de escrita. Com exceção da área de Ciências Humanas, que teve um baixo índice de respostas *nunca*, em todas as outras houve o predomínio dessa asserção nas respostas. E é exatamente no campo das Ciências Humanas em que houve a maior concentração de respostas *sempre* e *frequentemente*, 34% de um quantitativo de 78 respostas.

Conclusão

As análises empreendidas revelam que nas áreas de Ciências Exatas, Engenharias e Ciências Sociais Aplicadas o emprego da primeira pessoa do singular é veementemente evitado, mas é acatado, com alguma restrição, o emprego da primeira pessoa do plural. Já as Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes adotam a primeira pessoa do singular com mais frequência

O estudo revela que as escolhas linguísticas que evidenciam explicitamente a pessoalidade e a impessoalidade em textos acadêmico-

científicas estão diretamente relacionadas às práticas sociais de usos da escrita em que se inserem os sujeitos e que evidenciam o letramento acadêmico como práticas situadas em esferas de atividade humana.

Embora reconhecendo as limitações do estudo, acreditamos que se trata de um registro importante, tanto no sentido de contribuir para a compreensão sobre os fenômenos envolvidos nas práticas de letramento acadêmico e subsidiar novas pesquisas nesse campo quanto no sentido de propiciar, a partir dessa compreensão, subsídios para professores – especialmente os de língua materna – em sua lida diária de ensino no ambiente universitário.

Referências

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento de trabalhos monográficos. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de; COSTA, Cláudia Lopes Santos Pereira; VALIM, Bárbara Martins Ferreira; VALIM, Lucy Martins Ferreira. **Práticas de letramento acadêmico e posicionamento autoral em artigos de Administração**: um estudo sobre as marcas textuais de personalidade e de impessoalidade. In: Anais do X CASI - X Congresso de Administração, Sociedade e Inovação. Anais... Petrópolis (RJ) FMP-FASE, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xcasi/62853-PRATICAS-DE-LETRAMENTO-ACADEMICO-E-POSICIONAMENTO-AUTORAL-EM-ARTIGOS-DE-ADMINISTRACAO--UM-ESTUDO-SOBRE-AS-MARCAS-T>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

REUTNER, Úrsula. *De nobis ipsis silemus?* As marcas de pessoa em artigo científico. Tradução de Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues. In: ASSIS, Juliana; BOCH, Françoise; RINCK, Fanny. **Letramento e formação universitária**. Campinas: Mercado de Letras, 2016, p. 251-262.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. In: **Current issues in comparative education**, vol. 5 (2). Columbia University: Teachers College/Columbia University, 2003, p. 77-91.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2015.